

REFERÊNCIA:

Elisa Maria Barbosa ESPER, E. M. B; NEDER. M. O corpo contemporâneo. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

1

O CORPO CONTEMPORÂNEO

*Elisa Maria Barbosa Esper
Mathilde Neder*

Podemos falar em um corpo contemporâneo?

Muito além de sermos um corpo atemporal, constituímos um universo corporal que abarca não somente o corpo erógeno, pulsional, mas, também uma unidade que se constitui historicamente num processo dialético que compõe a subjetividade.

Numa breve perspectiva histórica, observamos um processo onde inicialmente encontramos um corpo sacralizado, identificado com o corpo religioso, cristão, cuja principal preocupação constituía-se na ocultação do mesmo. Aos poucos vai se estabelecendo uma compreensão corporal fruto do avanço do conhecimento da anatomia e fisiologia, passando-se para uma visão funcional, libertando-se da visão religiosa. Na lógica industrial, o corpo passa a ser visto como força de trabalho e, com a psicanálise, a dimensão pulsional, erógena são também a ele incorporadas. Esse corpo erógeno passa também a ser suporte dos signos cambiados com desejos ideológicos, veiculados mediaticamente. Mais contemporaneamente, a partir da concepção erógena, que reconheceu o corpo em sua totalidade de prazer, o mesmo, pode então, ser tomado em sua materialidade visível, como objeto de culto narcisista. Portanto, à medida que a humanidade vai avançando na construção do conhecimento, percebemos uma mudança na relação dos indivíduos com o seu corpo, e na transformação do mesmo, através da interação histórica e dialética que vai se processando. Nessa perspectiva talvez se possa falar de um corpo transformado - um corpo contemporâneo - que abarca e imprime as transformações de uma transição social, que ainda está por se completar, por estar constituindo a realidade atual e, por ser fruto de um processo dialético.

Podemos, então, refletir sobre os aspectos que os teóricos que escrevem sobre a sociedade contemporânea descrevem como sendo característicos do momento atual, e que influenciariam o sujeito pós-moderno.

Habitamos um mundo onde há um bombardeio maciço e aleatório de informações que não se constituem como um todo. A realidade é fragmentada em retalhos, composta por vivências parciais, porque não há uma crença na totalidade – a totalidade contemporânea é “plural”. Lipovetsky (1983), salienta esse aspecto, quando enfatiza que a sociedade pós-moderna se caracteriza por dispositivos abertos e plurais, por um individualismos hedonista e personalizado.

O ambiente pós-moderno é povoado pela cibernética, pela robótica industrial, pela biologia molecular, pela medicina nuclear num mundo traduzido por imagens e signos, cuja principal característica é ser regido pela informação, processada em “bits”. A velocidade com que o avanço da técnico-ciência se estabeleceu desenhou uma nova cartografia contemporânea comandada pela transitoriedade e efemeridade.

Toffler (1970), aponta a transitoriedade como um “temporalidade” da vida cotidiana, que resulta em uma sensação de impermanência e é fruto da aceleração das mudanças na sociedade, tendo conseqüências tanto pessoais, quanto sócio-culturais, quanto psicológicas. A percepção que se tem do tempo é subjetiva e ligada a um ritmo interno biológico, que é afetado quando vivemos em um mundo onde a aceleração, é um princípio que precisa ser encarado e, por vezes, incorporado, ou seja, é preciso se dar conta que as coisas do mundo estão se movendo mais depressa à sua volta e, isto interfere na compreensão do tempo, no ritmo de vida e na absorção das novidades. A intrusão do novo tem o lado positivo de alterar as configurações produzindo novas cartografias pessoais, culturais, no entanto, quando as mudanças acontecem dentro de um ritmo vertiginoso, faz com que o status das verdades seja sempre provisório, produzindo insegurança e desamparo diante da efemeridade das coisas. Tofler também cita Erik Erikson que afirma que esse verdadeiro turbilhão de mudanças aceleradas deverá afetar a capacidade humana de adaptabilidade.

O ritmo acelerado pode também ser fonte de angústia e frustração, e influenciar na homeostase do aparelho psíquico, pois a experiência prévia, que faz parte do capital psíquico no enfrentamento das situações, passe a ter uma consistência frágil em virtude de ter que estar sempre reconfigurada, falhando na atuação de ancoragem psíquica. A velocidade da instauração do “novo” como uma necessidade, acaba impedindo a instalação e aprofundamento de emoções duradouras.

Nesse sentido, o mergulho contemporâneo nas mudanças maciças, pode levar a uma superexposição do sujeito e a perturbações em seu desempenho porque o indivíduo está, freqüentemente, exposto ao stress da decisão e da adaptabilidade. Portanto, a superestimulação também se reflete na distorção da percepção da realidade, tendo reflexos também na cognição interferindo na habilidade de pensar, de elaborar e nas possibilidades de fazer ressignificações. Nesse sentido a exposição à transitoriedade poderá ser detonadora de sintomatologia psicossomática, pois conforme preconizam Pierre Marty e Joyce Mac Dougall, representantes do pensamento da psicossomática psicanalítica, o corpo recebe o excesso da sobrecarga psíquica que não foi possível de ser simbolizado, gerando somatizações – é como se o psiquismo ficasse privado de palavras.

Tanto a transitoriedade quanto a efemeridade fazem parte da questão humana relativa à própria mortalidade e, fazendo um paralelo entre esses dois aspectos no contexto contemporâneo de verdades transitórias, temos a cultura do descartável na relação homem-coisas, o que nos remete a ligações temporárias e provisórias com situações, objetos, pessoas. Há um ritmo alucinante aonde tudo vai sendo suplantado por novas informações geradoras de mudanças.

Esse estado transitório das verdades e das coisas, reflete-se também em relações mais frágeis com as outras pessoas, levando o sujeito a um crescente individualismo, onde o laço social fica fragilizado.

Elisa Maria Barbosa ESPER, E. M. B; NEDER. M. O corpo contemporâneo. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

O individualismo exacerbado conduz à desmobilização, despolitização das sociedades avançadas, causando alienação, indiferença e apatia. Há como que uma redução de investimento emocional na esfera pública, aumentando o correlato na esfera privada - não sendo por acaso que o mito da pós-modernidade é “Narciso”. A expressão contemporânea dessa mítica é traduzida em uma crescente cultura da personalidade centrada no “eu”, traduzidas em uma intensidade máxima de prazer - o hedonismo. Observa-se uma ressacralização do corpo que é venerado por verdadeiros cultos, com mandamentos a serem seguidos, não havendo mais a contradição entre o sagrado e o profano. Essas questões permeiam um universo comandado por imagens e signos, ideologicamente veiculados pela mídia e que, segundo o filósofo francês Debord (1980), comanda a “Sociedade do Espetáculo”. Nesse sentido, o sujeito desejanter é capturado imagetivamente pela ideologia vigente de corpos perfeitos, jovens e saudáveis.

O sentido da estética, buscando a sedução, a criação do desejo, é apontada por Baudrillard (1995), como uma mudança paradigmática da atualidade, estando o consumo no lugar de organizador da vida cotidiana. O que se consome não tem a ver nem com a necessidade, nem com a utilidade do objeto, pois, a lógica do consumo é estruturada na manipulação dos signos. O consumo regido como que pelo pensamento mágico, faz uma ponte entre possuir algo valorizado socialmente e sentir-se subjetivamente enriquecido, assim, a opulência e a onipotência estão diretamente ligadas à acumulação de signos de felicidade – exteriores e alienados da subjetividade.

Kehl (2000), aponta a capturação do desejo do sujeito por um “Grande Outro”, representado pela mídia que, esclarece e fornece os itens a serem desejados. Esse sujeito passa então a ser habitado pelo vazio decorrente da alienação de si mesmo, de seu próprio desejo. É como um processo de esvaziamento chamado por Santos, 2000, de dessubstancialização do sujeito pós-moderno, ou seja, o referente representado pela realidade se degrada em fantasmagorias e o sujeito perde a substância interior, provocando um distanciamento entre o corpo real e o corpo imaginário. Ele ressalta que o sujeito “está à mercê de uma saturação de consumo e informação, que vai resultar em um certo conformismo, refletindo a famosa apatia pós-moderna. Na falta de ancoragens ou impactos que o tirem de sua apatia, fica sujeito de cair em depressão ou mesmo na ansiedade melancólica”. Esse vazio do estado melancólico já era vislumbrado por Nietzsche como o destino do homem ocidental. Esbarramos então nas chamadas patologias contemporâneas como: a depressão, a anorexia, a obesidade, a bulimia, a drogadição; que tangenciam no vazio e nas questões narcísicas. Na contemporaneidade encontramos também patologias que se referem às percepções patológicas da imagem corporal como as dismorfias e outras, cujo referencial passa a ser a dor corporal disseminada, como é o caso das fibromialgias. É um universo de psicopatologias que podem estar no lugar da tradução de um mal estar contemporâneo e, cujas indagações ainda são muitas, mas que tem como ponto em comum o fato de que talvez expressem corporalmente conflitos próprios da atualidade e que, neste

REFERÊNCIA:

4

Elisa Maria Barbosa ESPER, E. M. B; NEDER. M. O corpo contemporâneo. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

momento, só encontrem expressões através do transbordamento para o corpo, como era o caso das famosas históricas do começo do século XX.

Chegamos aqui a uma questão fundamental sobre o entendimento das imbricações entre os aspectos próprios da contemporaneidade como a transitoriedade, a efemeridade e o narcisismo, que acaba repercutindo e sendo expresso, nas dimensões e composição do que se poderia chamar de um corpo contemporâneo. O desvelamento dessas questões se faz necessário através do questionamento sobre a repercussão dos fatores característicos da pós-modernidade, os quais podem estar contribuindo para o surgimento, exacerbação ou manutenção dessas patologias e de outras que poderão surgir. A análise desse universo, que é expresso corporalmente pelo sujeito pós-moderno, deve incluir a ampliação da escuta terapêutica para além da palavra, no sentido de auxiliar o sujeito na capturação de seu próprio desejo, na construção de sua subjetividade.

=====

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo**. Rio de Janeiro: Elfos editora, 1995.

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

HARVEY, D. **Condição Pós Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KEHL, M. R. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barcelona: Editora Gallimard, 1983.

SANTOS, J. F. **O que é a Pós Modernidade**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 2000.

TOFLER, A. **O choque do futuro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1970

=====

Elisa Maria Barbosa Esper

Cidade: São Paulo/SP - Brasil

E-mail: elisaesper@mackenzie.com.br

Mathilde Neder

Cidade: São Paulo/SP - Brasil